

## Do Mínimo-Ser ao Ser-barroco

### Psicanálise e pós-modernidade - aspectos

Em um mundo relativamente estável, que tinha no humanismo uma de suas bases ideológicas ocorreram transformações geradoras daquilo que se convencionou chamar de "crise do humanismo". Advieram então tempos turbulentos; tempos de transição, incerteza, instabilidade, confusão, tempo de metamorfose. Campo propício à reanimação, restauração, fortalecimento do barroco. Michel Maffesoli<sup>1</sup> escreve: *On peut postuler que c'est l'éclatement des valeurs sociales, le relativisme idéologique, la diversification des modes de vie qui engendrent cette baroquisation de l'existence à laquelle on est à nouveau confronté.* Germinando no terreno que vai sendo devastado pela agônica tormenta de um humanismo moribundo, o barroco solicita uma compreensão desta crise.

Gianni Vattimo<sup>2</sup> procura entendê-la valendo-se basicamente de dois filósofos: Nietzsche e Heidegger. Com eles a questão do niilismo torna-se presente pois é no ponto extremo de um niilismo acabado que o humanismo transmuta-se em um não-humanismo. O homem deseja a própria morte para que novos valores - encarnados pelo super-homem - possam surgir; o homem não mais se possui, mas é possuído por forças e pela vontade de potência; o Incalculável faz sua aparição lançando uma sombra invisível nas representações que decorrem da relação **sujeito/mundo concebido**, destruindo assim o ideal onipotente e onisciente do humanismo iluminista, desorientando e desarvorando o sujeito humanista. O sujeito humanista - estável, enraizado, auto-centrado, auto-consciente - deverá se transformar em sujeito pós-moderno: desenraizado, desestabilizado, disperso, descentrado, vivendo uma existência experimental, avesso à auto-consciência.

Para Heidegger<sup>3</sup> o humanismo tem o seu correlato solidário no ser metafísico; ambos são concebidos em termos de objetividade, isto é, como evidência, estabilidade e certeza inabalável. Também a ciência experimental e a técnica mecanizada, na sua pretensão de se aproximar cada vez mais do absoluto domínio da natureza e de prever todos os acontecimentos são correlatos deste ser metafísico. Sendo a crise do humanismo um aspecto

da crise da metafísica, a reapropriação da técnica pelo homem-humanista torna-se impossível. O humanismo estaria destinado ao desaparecimento dando lugar a um sujeito que *dissolve sua presença-ausência nas redes de uma sociedade cada vez mais transformada num sensibíllimo organismo de comunicação*<sup>4</sup>. O homem desaparece como sujeito metafísico, surgindo um ser que se dilui na equivalência universal.

Neste ponto Baudrillard tem algo a nos dizer. Voltemos por um instante a Vattimo em sua interpretação do niilismo nietzschiano-heideggeriano: este autor nos diz que *o niilismo é a consumação do valor de uso no valor de troca*<sup>5</sup>. É claro que nesta consumação desaparece o ser metafísico e portanto o sujeito metafísico, definidor do humanismo. Baudrillard<sup>6</sup> em seu livro "Para uma crítica da economia política do signo" avança na análise do valor acrescentando ao "valor de uso" e ao "valor de troca", o "valor de troca/signo". Nesta forma de valor os objetos recebem do campo social uma aura sgnica formando um sistema de objetos/signos no qual o homem se aliena. Refaçamos o caminho de Baudrillard para melhor nos situarmos. Foi Marx quem distinguiu o valor de troca do valor de uso. No valor de troca cada objeto é referido a uma figura abstrata comum - a moeda - o que permite realizar uma equivalência entre os objetos existentes. Os objetos perdem suas características individuais, sua funcionalidade singularizante, sua ambivalência e se transformam em mercadoria. No valor de uso estão preservados a funcionalidade, a relação singular, a ambivalência, o pathos afetivo, a importância subjetiva/objetiva que o objeto tem para seu possuidor; o valor de uso não permite comparações entre objetos. Baudrillard revelou que para além do valor de uso e do valor de troca, os objetos são signos de uma hierarquia social. Seu valor de troca não está determinado apenas pelo trabalho e pelo investimento, mas também pela posição que o objeto ocupa no sistema hierárquico-social de signos. Surge assim o "valor de troca/signo", integrado por um "sistema de objetos-signos", uma abstração mais abrangente que a abstração "moeda-mercadoria" e que nos permite realizar equivalências tão amplas a ponto de podermos alcunhá-la com a expressão "equivalência universal" já usada por Vattimo.

Baudrillard crítica a diluição do ser do homem na "equivalência universal" . *...o que assegura em última instância o sujeito no seu ser é esta denegação vivaz e fundamental do valor, esta violência latente contra o princípio de identidade e de equivalência...*<sup>7</sup>. Temos aí

recolocada a possibilidade do ser do homem; certamente não um ser metafísico, mas também não um sujeito dissolvido nos labirintos de uma socialidade comunicacional. Há pois uma diferença importante entre o pensamento de Baudrillard e Vattimo. Para melhor compreendê-la comparemos a citação acima com uma citação do segundo autor: *Do ponto de vista do nihilismo - e certamente com uma generalização que pode parecer exagerada - parece que a cultura de Novecentos terá assistido à consumação de todos os projectos de "reapropriação"...A perspectiva da reapropriação - seja na forma da defesa de uma zona livre do valor de troca, ou na forma, mais ambiciosa (que reúne, pelo menos sob o plano teórico, marxismo e fenomenologia), da "refundação" da existência num horizonte subtraído ao valor de troca e centrado no valor de uso - sofreu um consumo não só em termos de xeques e falhanços práticos, que nada retiram à sua importância ideal e normativa*<sup>8</sup>.

Examinando cuidadosamente as duas citações verifico que Vattimo não vai além da noção de valor de uso enquanto que Baudrillard ultrapassa a questão mesma do valor. O próprio pensamento de Baudrillard nos esclarece que, se colocarmos a noção de valor como limite, não será possível pensar em um *sujeito forte*<sup>9</sup> sem recair num já impossível sujeito metafísico. No desdobramento de sua teoria, Baudrillard estabelece uma oposição entre todo um campo de valor e um campo de não-valor, o da troca simbólica: no campo do valor o valor de uso, o valor de troca e o valor de troca/signo funcionam solidariamente como abstrações que conduzem necessariamente à equivalência universal; o valor de uso é apenas um engodo essencialista, muito usado pelas técnicas de "marketing", através do qual o homem tenta negar sua inserção no sistema de signos. Falar pois de valor de uso, é o mesmo que falar de valor de troca/signo, de equivalência universal, onde o homem se desumaniza, reduzindo-se a um signo entre tantos outros. Por isto mesmo Vattimo está impedido de encontrar outra saída que não *o nihilismo como única chance*<sup>10</sup>. Derrubando a barreira erguida pela aderência à noção de valor Baudrillard ingressa na "relação de troca". O ser do homem, no sentido de "sujeito forte" está na relação de "troca simbólica", um desenvolvimento da "teoria da dádiva" de Mauss<sup>11</sup>. Citando Baudrillard: *No processo do valor (quer o investimento seja mercantil ou fantasmático), ninguém falta a ninguém, nada é nada, uma vez que tudo equivale a alguma coisa, e que cada qual está certo de equivaler pelo menos a*

*si próprio. Poderia assim dizer-se que o que mantém a virtualidade da troca, de uma reciprocidade em que os sujeitos sejam verdadeiramente postos em jogo na sua diferença e na sua falta, é Eros - sendo, inversamente, a pulsão de morte aquilo que tende para a abolição do simbólico no ciclo repetitivo do valor....Para subverter radicalmente a lógica do valor de troca, não basta restituir a autonomia ou a gratuidade do valor de uso; é preciso restituir a possibilidade de dar, isto é, mudar a **forma da relação social**. Se não há contra-dom possível, troca recíproca possível, continua-se numa estrutura de poder e de abstracção<sup>12</sup>. Sua penúltima frase do livro: Assim, só escapa ao valor de troca aquilo que ganha sentido na troca recíproca contínua, no dom e no contra-dom, numa relação aberta de ambivalência, e **nunca numa relação final de valor**<sup>13</sup>.*

Para Vattimo o fim do humanismo revela-se por um *enfraquecimento do poder coercitivo da realidade*, uma *experiência fabulizada da realidade*, um *emagrecimento do sujeito*<sup>14</sup>. A pergunta que se pode colocar é a seguinte: o "desenraizamento", a "fabulação" e o "emagrecimento" levará a humanidade à libertação ou ao caos irreversível? Estaríamos diante do fim do humanismo ou da humanidade? Lembremo-nos do triplo desequilíbrio ecológico de que Guattari nos fala (ambiental, social e mental)<sup>15</sup>. Será possível que o ser se torne tão insustentavelmente leve que finalmente desapareça?

Baudrillard em seu livro "A transparência do mal" acrescenta, à sua anterior trilogia de valores, um *estádio fractal do valor*<sup>16</sup> expressão indicativa de uma absoluta perda de referência, incluindo-se aí até mesmo a referência ao "sistema de signos", gerando uma dispersão radical e potencialmente irreversível, uma proliferação desmedida e caótica que ele chama de "cancerosa". Perante este quadro, em 1990, ele já não apresenta a alternativa da "troca recíproca" de 1972; mas mantém a idéia da necessidade de alguma consistência ao escrever: *Diante do perigo de uma total não-gravidade, de uma leveza insustentável do ser, de uma promiscuidade universal, de uma linearidade dos processos que nos arrastaria para o vácuo, esses turbilhões ocasionais que chamamos de catástrofes são o que nos guarda da catástrofe. Essas anomalias, essas excentricidades recriam zonas de gravitação e de densidade contra a dispersão*<sup>17</sup>. A idéia de "troca recíproca", aparentemente esquecida por Baudrillard, continua sendo cara a uma forma de psicanálise que, ao valorizar a empatia, a

identificação, a simbiose, permite o estabelecimento de trocas afetivas e identificatórias entre analista e analisando, propiciadoras de uma potencialidade criativa singular - região de condensação, de densidade do sujeito. Guattari: *Nessa mesma via de uma compreensão polifônica e heterogenética da subjetividade encontraremos a vantagem de seus aspectos etológicos e ecológicos serem levados em consideração. Daniel Stern em "The Impersonal World of the Infant", explorou de modo notável as formações subjetivas pré-verbais da criança....ele valoriza o caráter de conjunto transsubjetivo das experiências precoces da criança que não dissocia o sentimento de si do sentimento do outro. É uma dialética entre os "afetos partilháveis" e os afetos "não-partilháveis" que estruturam dessa forma a subjetividade emergente. Subjetividade em estado nascente que não cessaremos de reencontrar no sonho, no delírio, na exaltação criadora, no sentimento amoroso...*<sup>18</sup>.

Teríamos então uma nova espécie de humanismo, um humanismo que descobre a consistência do sujeito no momento mesmo da ação e em nenhum outro (a não ser como abstração facilitadora de linguagem)? Um humanismo que fala de potencialidades e não de concretudes? Pensaríamos então não em um sujeito imóvel, metafísico, mas em um sujeito que, embora em movimento - entranhado no devir - apresentasse densidade e enraizamento?

Leio no "Idéias-livros" do Jornal do Brasil de 12/10/91, o seguinte: ....*Bloom permanece um crítico fundamentalmente humanista, em oposição ao que ele descreve como o "nihilismo sereno" da desconstrução. Seu humanismo, porém, é essencialmente pós-marxista, pós-freudiano e pós-estruturalista, desprovido de qualquer inocência e preocupado com questões de força, poder e vontade, com o romance familiar, com agressão, culpa e angústia*<sup>19</sup>.

Estamos vendo nascer no campo devastado pela crise do humanismo toda uma vegetação luxuriosa mas um tanto indistinta que pede para ser reconhecida; uma vegetália barroca onde a regra é coexistência de contrários numa tensão permanente; oximoro portanto.

Filmar artistas com uma câmara de vídeo poderia parecer uma atividade uniforme. E, no entanto, lá surpreendemos um oximoro. Num programa recente da TVE, Roberto Moura introduziu a feliz expressão "anti-clip" ao apresentar o vídeo do jazzista Keith Jarret. No "anti-clip", ao contrário do "vídeo-clip", a câmara pouco se movimenta preferindo longos "closes" do jazzista, permitindo ao espectador identificar-se com o artista, sentir seu

sentimento, tornar-se uno com ele num processo de fusão artístico-afetiva. Não é a câmera que, com os seus movimentos, produz o prazer estético mas o próprio artista quem nos passa sua emoção através de uma música vivida com todo o corpo. A dor, a alegria, o desespero, o triunfo, e toda uma gama de sentimentos verbalmente inexprimíveis nos são transmitidos por um homem cuja presença preenche por inteiro a tela da TV realizando a façanha de um desempenho absolutamente pessoal no coração mesmo de um universo técnico-eletrônico. No vídeo-clip o prazer estético depende em grande parte da técnica. Uma parafernália sofisticada produz uma proliferação de imagens que se substituem rapidamente, impedindo ao espectador de se conectar com o artista como sujeito denso. O contínuo da música, já por si sincopada, é ainda atacado pela fragmentação da imagem obrigando o espectador a viver duas formas sobrepostas de experiência: de fracionamento e de linearidade: uma dupla-mensagem que o arranca do eixo do sentimento e da sensibilidade jogando-o no eixo da sensação. As imagens em acelerada sucessão estilham de tal forma o tempo que se torna impossível empatizar com qualquer delas. O fascínio das imagens fractais invadem a sensibilidade mantendo um alerta permanente, um pique estético sustentado até o último acontecimento musical. Vive-se um regime binário: tensão músico-visual contínua com mínimas alterações de nível e relaxamento após o acorde final. O que contrasta com a riqueza de nuances do "anti-clip"; neste a consistência têmporo-corporal do artista permite que a emoção e o sentimento se desdobrem em todos os seus matizes. Tal consistência tem a ver com um núcleo criativo exposto por um artista em contínuo trabalho gerador. Ao contrário, o astro do vídeo-clip esconde seu núcleo gerativo, extraviando-o numa alucinada proliferação de formas, luzes, cores, roupas, lugares, envolvendo-o numa tal quantidade de imagens que o torna inatingível. Esta fragmentação remete o espectador para a dispersão, impedindo-o de estabelecer uma identificação com o consistente núcleo criador do astro-artista. Podemos então falar de duas formas de fruição estética: no anti-clip o prazer estético se confunde com a plenitude de uma fusão com o artista; toda a molecularidade, toda a atonicidade pessoal dirige-se para dentro, formando um "topos" denso e pujante; há uma comunhão com o artista em processo nascente de criação. No vídeo-clip o prazer decorre de um bombardeio visual-auditivo dispersivo e belamente estético; estas dispersão, sensorialidade, e beleza trazem a marca de nossa época.

Mas também pertence ao nosso tempo o homem carente de humanismo. É através do corpo uno do jazzista que se chega à alma pessoal; e através do corpo fragmentado do astro alcança-se a alma do mundo. Fusão com uma base consistente, sintonia com uma dispersão radial. O sujeito que, oculto no clip, pressiona para uma exterioridade, expõe-se no anti-clip propiciando uma interiorização, um encontro com o núcleo criativo.

O sujeito do clip apresentando-se na forma de fragmentos dispersos chama o espectador para um dilaceramento do tempo, produzindo no âmago deste tempo, um vazio. Camadas de sons, imagens, cores - proliferação incessante de sensações produzidas defensivamente pelo vácuo formado - protegem-no de uma invasão. O vazio sempre estará em risco de arrombamento, esmagamento pela densidade do artista forte; o doloroso contraste entre densidade e vazio, o perigo de esmagadura, poderá tornar a dispersão do vídeo-clip preferível à força centrípeta do anti-clip.

Relendo o que escrevi, dou-me conta de uma tendência a valorizar o anti-clip em detrimento do clip. Considero-a menos uma maneira dicotômica ou maniqueísta de pensar que uma reação a uma posição extrema de negação do sujeito como densidade, uma de cujas manifestações é a transformação do sujeito em desejo evanescente, organizado em torno de um vazio, teoria esta encontrada em psicanálise. Há que fazer uma diferença entre pulverização do sujeito do desejo e espaços entre sujeitos desejantes densos. É preciso portanto bem qualificar o "vazio" em psicanálise. Vamos manter em mente as figuras do clip e do anti-clip para melhor acompanhar o exame desta diferença. Para a corrente lacaniana **vazio** é parte inerente da constituição do homem seja pelo "assassínio da coisa" ao advir o símbolo<sup>20</sup>, seja pela alienação do sujeito no Outro<sup>21</sup>. Símbolo, vazio e desejo caminham unidos e impelem o homem a produzir sempre e cada vez mais. As infindas máscaras das imagens identificatórias deverão ser desveladas até que o homem defronte-se com o vazio - um real oculto pelo imaginário. O vazio então será o motor de uma produção simbólica. Para outras correntes da psicanálise o motor da atividade humana está em um impulso inerente ao viver, inscrito no próprio tecido vivo; Winnicott o chamou de criatividade potencial, criatividade primária<sup>22</sup>, **verdadeiro self**<sup>23</sup> e Kohut de **self nuclear**<sup>24</sup>. Segundo estes autores o impulso para a atividade não depende de um vazio a ser rodeado, mas de um

desdobramento do ser a se realizar em um contexto simbiótico de trocas afetivas. O mais primitivo não seria o vazio, o hiato, mas o "nicho", a "ambiência nutridora", a plenitude, a fusão, promovendo um "enraizamento dinâmico"<sup>25</sup> mantendo assim uma potência de desenvolvimento, de realização, de convivência criativa<sup>25</sup>. O **vazio** não seria constituidor do ser humano; haveria, isto sim, uma **falta** como ponto de inflexão no contínuo estruturante simbiose/separação-individuação<sup>26</sup>; portanto uma **falta** da ordem da **necessidade**. Não se diria o mesmo do **vazio** do clip e da teoria lacaniana; pertenceria antes ao **contingente** que ao **necessário** - uma decorrência de relações primitivas vividas de uma certa maneira e não um destino humano inelutável; pensaríamos aqui em identificações primárias insuficientes para fornecer densidade ao sujeito do devir produzindo um vazio identificatório<sup>27</sup> e impelindo-o a se dispersar numa busca temerosa e aflita de novas identificações.

A plethora de imagens do clip revela um vazio que podemos correlacionar ao vazio decorrente de processos identificatórios mal vividos. O clip é bem o retrato de uma época de identificações difusas; uma manifestação artística bela, provocadora, inquieta, renovadora, própria da contemporaneidade, em sintonia com nosso mundo veloz e pleno de estímulos e perigos. Estamos aqui na companhia do **passante** de Walter Benjamin, um passante que perde a memória pessoal e coletiva (tradição) tamanha a quantidade de estímulos-choques que recebe; um passante que, mergulhado na multidão de pessoas, sons e imagens, abre seu caminho "com gestos convulsivos", dando e recebendo "estocadas", desconectado de seu passado, com uma "atenção superaguçada" em face dos perigos circundantes, a eles reagindo como um autômato<sup>28</sup>.

Minha intenção é recuperar um lugar para o sujeito criativo, um sujeito não perdido nas imagens tecno-comunicacionais, um sujeito denso que, enraizado - seja esta raiz a relação simbiótica suficientemente boa da psicanálise, seja a ligação à tradição ou a linguagem adamítica de Benjamin, seja o substrato ctônico de Maffesoli<sup>29</sup> -, possa lançar-se com mais lastro em direção à dispersão da pós-modernidade. Diz-nos Maffesoli: *De l'intérieur à l'extérieur, voilà ce qui pourrait être un des secrets du baroque. On l'a dit de diverses manières: enracinement-tension vers le haut, matière-esprit, objectif-subjectif, histoire-temps*.<sup>30</sup> Da interioridade do anti-clip<sup>31</sup> à exterioridade do clip, da psicanálise winnicottiana

à análise lacaniana, da concentração à dispersão, da fusão à alteridade - uma coexistência de contrários em tensão pessoal e social permanente: oximoro barroco.

**Nahman Armony**

out./91

## NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- Maffesoli, M. (1990) - *Aux creux des apparences, pour une éthique de l'esthétique*. Paris, Plon, pag.153.
- 2- Vattimo,G. (1987)- *O fim da modernidade; niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. Lisboa, Presença
- 3- Heidegger,M. - *Chemins qui ne minent nulle part*. Xérox.
- 4- Ibid - pag.42.
- 5- Ibid - pag.23
- 6- Baudrillard,J.(1972) - *Para uma economia política do signo*. Edições 70, Lisboa, 1981.
- 7- Ibid, pag.272.
- 8- Vattimo, G. - ibid, pag.24/25
- 9- Ibid, pag.41.
- 10- Ibid, pags. 24 e 27.
- 11- Mauss,M.- *Ensaio sobre a dádiva*. Edições 70, 1988.
- 12- Baudrillard,J. - ibid, pags.272 e 275.
- 13- Ibid, pag.276
- 14- Vattimo,G. ibid.
- 15- Guattari,F.(1989) - *As três ecologias*. Papirus, Campinas, 1990.

- 16- Baudrillard,J.(1990) - *A transparência do mal*. Papirus, Campinas, pag.11).
- 17- Ibid, pag.76.
- 18- Guattari,F.(1990) - *Linguagem, consciência e sociedade* in **Revista Saúde e Loucura n.2**, Editora Hucitec, São Paulo, Brasil, 1990.
- 19- Berg,S.(1991)- *A releitura de um mestre* in **Jornal do Brasil, caderno de Idéias-Livros** de 12/10/91.
- 20- *Assim o símbolo se manifesta primeiro como assassinio da coisa, e essa morte constitui no sujeito a eternização do seu desejo*(pag.184). Lacan,J.(1953)- *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* in **Escritos**, Editora Perspectiva, São Paulo, 1978.
- 21- *É preciso supor nele (no homem) uma certa hiância biológica, aquela que tento definir quando lhes falo do estádio do espelho. A captação total do desejo, da atenção, já pressupõe a falta. A falta já está aí quando falo do desejo do sujeito humano no que se refere à sua imagem, quando falo desta relação imaginária extremamente geral que se denomina narcisismo*(pags.402/03). Lacan,J.(1955)- **Seminário 2- o eu na teoria de Freud e na técnica de psicanálise**, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985.
- 22- Winnicott,D.W.- *Natureza humana*, Imago, Rio de Janeiro, 1990.
- 23- Winnicott,D.W.(1960)- *Deformación del ego en términos de un ser verdadero y falso* in **El proceso de maduración en el niño**, Editorial Laia, Barcelona, 1975.
- 24- Mahler,M.S., Pine,F., Bergman,A.(1975)- *O nascimento psicológico da criança*. Zahaar Editores, Rio de Janeiro, 1977.
- 25- Kohut,H.(1977)- *La restauración del sí-mismo*, Paidós, Barcelona, 1980.
- 26- *....l'ambiance comme niche où l'on se blottit et l'apparence théâtrale comme sortie vers les autres. Enracinement dynamique!....On retrouve là encore la tension, que j'ai posée plus haut, de la niche où se conforte une ambiance nourricière, qui sert de base à une tension vitale*. Maffesoli,M.- *ibid*, pag.160.
- 27- Vazio identificatório é uma abstração reificante à qual recorro na dificuldade que é falar das variações de densidade do sujeito. Melhor que "vazio identificatório" seria a expressão

"rarefação do sujeito", entendendo-se que somente após um certo grau de rarefação poder-se-ia falar de "vazio".

28- Rouanet,S.P. - ibid, pag.46.

29- Maffesoli,M. - ibid, pag.175.

30- Ibid, pag.178.

31- Tentativa de representar graficamente a homofonia "e"final/"i".